

# MUNDO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO III N.º 26 (31 DE AGOSTO DE 1949)

## CRÍTICA SOCIAL

### Tráfico de Influência

A influência, palavra mágica desde que o Mundo é mundo, é força capaz de remover os maiores obstáculos e de criar as maiores calamidades, conforme o sentido e medida em que é aplicada.

Parente próxima do empenho e da cunha, é menos visível e comprometedor, por ser mais insidiosamente diplomática. Os efeitos são porém idênticos, com a vantagem de que o influente fica mais exposto quando se «empenha»...

Diz o dicionário: **Influência** — poder ou acção que alguém exerce sobre outrem, ou sobre certos factos e negócios, etc., etc. Ora perante esta clara definição pouco mais há a dizer. No entanto, convém acentuar que ter influência no sentido reles, é ainda menos reles que traficar com a mesma influência.

Vem isto a propósito da maneira como foi orientada a execução das Festas Populares do dia 17 de Agosto, data do 50.º Aniversário do nosso Concelho, que sabemos terem merecido sempre o maior cuidado desde o princípio do ano, e que afinal não corresponderam ao que seria para desejar.

Parece pois que se usou e abusou da *Influência*, traficando com o seu poder. As inevitáveis consequências não tardaram em surgir, comprometendo o luzimento das festas e até a posição da C. Central Executiva.

Não sendo possível remediar factos consumados, que estes exemplos sirvam pelo menos para evitar futuras traficâncias de influência nefasta, como a presente.

Spartacus

## Sumário

Problemas Locais	Higino Pires
Urbanização	Gino Sérpi
Boneca Animada	Carvalho Vaz
Carta multada ao Sr. H. V.	Julciães Morcat
Tráfico de Influência	Spartacus
A Comarca de Espinho	Dr. Amadeu Moraes
Crítica Literária	Almada e Monezes
Poesia — As Mães	Carlos de Moraes
Tóiros e Toiradas	Paquito
Espinho e o légo	C. C.
Desportos — Voleibol, Natação, Hoquei em campo, Ténis.	

## EDITORIAL

### PROBLEMAS LOCAIS

Espinho, uma das efectivas realidades no diminuto xadrês turístico nacional, possui um manancial de justas e prementes aspirações.

Esta afirmação tem pleno cabimento, torneando e ultrapassando até a falsa noção de simples exigência bairrista, pelo facto de estar ainda bem viva a inauguração da 1.ª fase das «Obras de Defesa» e iniciado o «Abastecimento de Agua», em breve concluído.

Este geito de insatisfação, perante obras realizadas de fresco, apenas pode ser acolhido ou notado pelos estranhos à terra, simples espectadores em relação ao que é preciso e ao que está feito.

Nós, os espinhenses, sabemos bem da valia dos problemas resolvidos, mas sentimos igualmente que existem outras «tragédias» na nossa vida, menos espectaculares, é certo, mas paralelamente vitais para o futuro da «pequena cidade» de Espinho. De resto, pressente-se através da opinião pública local que os espinhenses estão realmente gratos ao Estado Novo pela obra efectuada. Deste modo a reivindicação de novas obras, de há muito fazendo parte das suas aspirações e necessidades, não pode tomar-se como agravo ou menor apreço em presença do que se encontra feito, na verdade a obra essencial para o futuro de Espinho.

Há porém, repetimos, outros problemas em equação, que não foram solucionados em devido tempo, pelo que a acumulação de obras está na razão directa do tempo, que se perdeu sem que nada se tivesse feito.

Assim, é compreensível e perdoável que os locais esqueçam a proximidade das grandes realizações há pouco efectuadas e teimem em trazer na boca e no coração o desejo de verem corporizadas as soluções que devem ser dadas a outras urgentes necessidades locais.

Sem grandes congeminações e deixando simplesmente correr a pena, os problemas insolucionados surgem-nos sem custo, porque não traduzem novas exigências regionalistas, nem refletem entusiasmos momentâneos de mentecaptos.

Há já longos anos que estão na raiz dos sentimentos bairristas dos espinhenses, os problemas cruciais da Assistência Pública e Hospitalar, e o da transferência do leito e instalações dos caminhos de ferro da C. P. e do V. V. para nascente da Vila.

Estes dois problemas, mereceram vários estudos que supomos não terminaram, e, em certa medida, baixaram ou passaram já por gabinetes ministeriais, acossados por várias vereações camarárias, entre as quais as da Previdência do dr. Castro Soares e também da actual. Ligados a estes dois importantes problemas locais, temos ainda o da criação da Comarca — também velho e velho no sentir dos espinhenses — o da Estrada Marginal, o da Urbanização da Vila, implicitamente ligado ao das linhas férreas, e ainda os considerados subsidiários, como sejam o da Mendicidade, da Iluminação Pública, Arruamentos e Jardins, criação de uma Escola Industrial, e fechando com o importante problema do Turismo e Propaganda, no seu todo, arrimado às soluções dadas aos problemas anteriores, circunstância afinal que lhe permitirá exis-

## MARÉS VIVAS

### URBANIZAÇÃO

A vila de Espinho, de radiante futuro, tem já em execução algumas obras do seu plano de urbanização, no qual, sabemos, estão incluídos os pontos mais debatidos pela opinião pública. Em contra partida, a urbanização dos seus habitantes parece retrogado, e está portanto a situar-se bem longe da solução ou dum plano equivalente ao da urbanização da vila. Torna-se pois urgente que à urbanidade dos imóveis, corresponda, quando não supere, a urbanidade dos seus filhos ou dos que nela estabeleceram o seu «habitat».

E' fora de dúvida, que em Espinho se vive à custa de balões de oxigénio, no que respeita à educação cívica, social e moral. A sociedade espinhense, melhor dizendo, uma grande parte da sociedade espinhense, pretenciosamente dividida em ridículas castas, quer obrigar ao conformismo os que na imprensa usam da crítica honesta e franca, apelidando-os de derrotistas e mal intencionados quando os apontamentos a magoam, ou, pelo menos, agitam a flacidez gorda dos seus ubérrimos, addómens. Inversamente se entretêm a lutar entre si com a má língua, a que pomposamente dão o título de «crítica superior», pelo simples facto que a «casta» só pode receber críticas dos seus castiços componentes...

Para urbanizar Espinho dentro do plano elaborado, será preciso demolir, sem dó nem piedade, alguns aleijões que a maculam. Para urbanizar a sociedade espinhense mau grado a diferença entre o imóvel e a espécie humana, a crítica terá que ser radical, demolidora também, porque não basta «pintar a fachada» para solucionar o problema.

De resto, abolir, deitar fóra, expurgar o que é prejudicial à saúde intelectual, cívica e moral de Espinho, é prestar um serviço a Espinho e à Nação.

Gino Sérpi

Continua na pág. 2





## Cinema - Cultura

por Carvalho Vaz

A maior parte das vezes o público vai ver um filme com intenção de se divertir, e sem nenhuma das exigências artísticas com que muito menores assistências vão a outra qualquer manifestação artística, como a um concerto de música clássica, ou à representação de uma obra dramática. É notório que o cinema é ainda dos poucos espectáculos que é apreciado despreocupadamente, dum modo geral, e salvo honoríficas excepções.

Se repararmos bem que não nos podemos alhear de modo algum da enorme influência que o Cinema exerceu, exerce e continuará a exercer sobre todos nós — do mesmo modo que somos influenciados pela leitura de um livro e por cento e uma razão de sobejo conhecidas por todos — cabe-nos perguntar se pode o educador alhear-se dessa influência. É lógico que não.

Contudo, reparamos a cada passo que ainda não se admite pelos educadores ou pelo público em geral que o sentido cinematográfico pode ser devido e cuidadosamente educado, do mesmo modo que se educa o sentido musical, o sentido estético, etc. Daí os males que naturalmente advêm dessas causas.

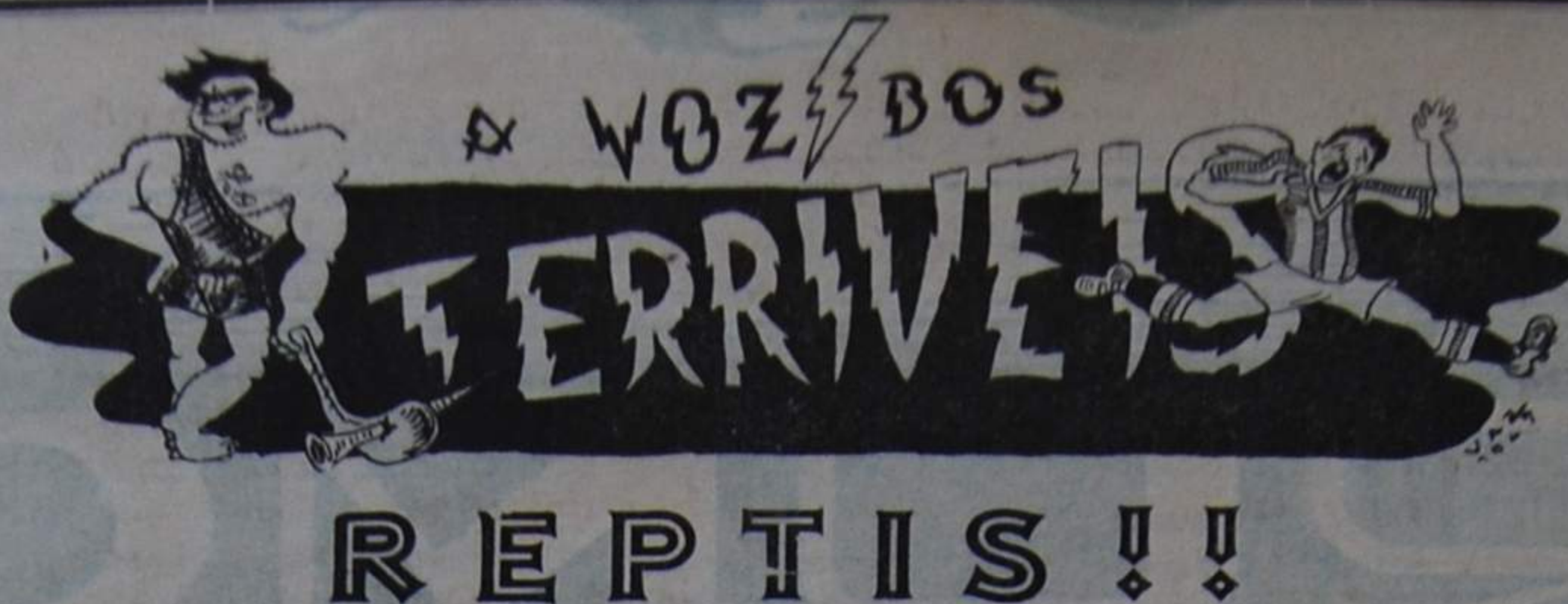
O cinema de agora não passa duma indústria ou negócio. Quem o orienta encara-o sob esse aspecto e resulta que divertir é o seu objectivo único. E daqui temos que a par de excelentes filmes, dão à costa uma quantidade enorme de mediocres películas que especulam com os baixos aspectos do sensacionalismo (quando os não repetem, até à saturação) e nada mais... É sabido que a Educação periga na razão directa dessa mediocridade, vemos os perigos a que estão os incautos sujeitos.

Presentemente, e com grande mágoa, assistimos à crise do filme documentário e cultural.

Este e aquele tem grande importância, entre todas as camadas sociais, no campo educativo e até na divulgação dos problemas mundiais, quer em cultura geral, quer em cultura aplicada, tudo através do desbobinar da película de celulóide.

Os filmes culturais foram de criação alemã e tiveram, antes da guerra, enorme expansão em todo o Mundo, a par de um sucesso extraordinário. Reparemos que estes são mais antigos que os de efabulação teatral. Foram sempre despertando interesse crescente com a evolução e aperfeiçoamento dos processos de filmar, e atingiram o auge com o filme colorido perfeito.

Quem não viu aqueles maravilhosos filmes em aqfacolor nas nossas telas. Hoje, e devido à



Glosando diversos motes e pela pena de vários autores, «Rumo» e «Defesa de Espinho», dentro das suas características próprias, têm vindo a mostrar aos espinhenses a necessidade absoluta da harmonia local. A razão desta pouco habitual uniformidade entre os dois jornais locais, tem base no conhecimento de que a Concórdia é o primeiro passo para a obtenção dos meios propulsores, na luta pelo progresso de Espinho.

Esse indispensável geito de solidariedade está a germinar, mais pela força própria dos interesses gerais de Espinho, que pelos esforços feitos pelos seus filhos. Mas — sempre a abjecta conjunção adversativa — anda a notar-se um esfumado e repelente trabalho de «sapa», cujo virus actua parainfado pela capa ampla da eterna presença e do voluntariado

pronto. Essa presença e voluntariado ajudados pelo esquiço de alguns movimentos ondulatórios de serpente, teem atrazado a concórdia, campo pouco propício aos devaneios da víbora.

De um lado homens de boa vontade, do outro homens probos e honestos. No centro, um charco de água infecta, pestilencial, turvando ambientes, malsinando, deturpando.

É assim Espinho, terra macia e enigmática, prendendo os pobres de espírito e atraindo os paranoicos imbuídos de místicas sociais de caverna...

Mas o tempo, eterno vingador de justa mão, acabará por arrancar a máscara ao reptil peçonhento — Abrenúncio! — transformando o «bicho» numa inofensiva borboleta de asas multicolores...

## O Inverno da Vida

Que frio! O inverno a açoitar-me já começa!  
É pr'a mim que não é só o inverno,  
É a vida; que vejo fugir a toda a pressa;  
É a morte a aproximar-se; é o socêgo eterno!  
Que frio! E eu, um pedinte aqui na terrea toca,  
Pior que um pardieiro; de apenas terra fria;  
Só: sem alguém, conforto algum, nem pão pr'a boca!  
Sou velhice! Sou pedinte! Sou a lama da existência!  
Fui tudo; tudo fui, fui criado e fui senhor.  
Fui triste e fui alegre! Fui galante; gozei bem o amor!  
E de tudo o que me resta? Sem amor e sem vintém!  
Há na vida um entusiasmo, um gram desejo de ventura,  
Que a todos entontece e faz viver um sonho real.  
Mas! Oh desilusões que a vida traz! Isso não perdura;  
O tempo tudo destroi, transforma a vida toda, tudo morre afinal!  
Que frio! Será do vento que sussurra lá fora?  
Ou será o calor da vida que se aparta de mim?  
Não, do vento não é, que o já não há agora!  
É pois da vida; que foi sonho, realidade e é o fim.

Hernâni

## PROBLEMAS LOCAIS

Continuado da pág. 1

tir como problema local, e não como um arremedo como até aqui.

Deixamos atrás uma recheada relação de Problemas Locais, todos eles contendo no seu seio numerosas dificuldades e afanosos trabalhos que, tratados com boa vontade e competência, bem depressa, estamos certos, podem transformar-se em frutuosas realidades.

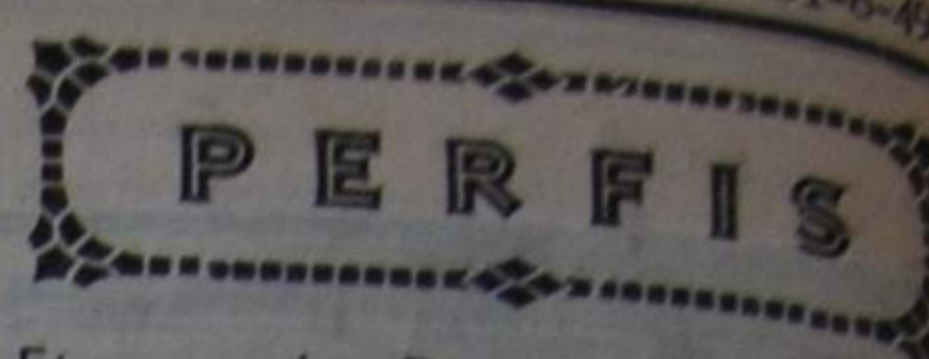
Abandonando a expectativa passiva e cómoda, mas aguardando activamente que essas dificuldades sejam superadas, confie-se que os homens que regem ou venham a reger os destinos desta Terra, sintam também as suas feridas e se proponham a cicatrizá-las rapidamente, evitando a «gangrena» que as perdas de tempo podem proporcionar.

Higino Pires

guerra, essa expansão tornou-se muito reduzida.

Para muita gente o filme cultural é o único ensejo de se tomar contacto com assuntos científicos, e de se instruir, sem esfor-

ço, e quasi sem se dar por isso, pois a arte das imagens tornou-se o mais directo auxiliar dos educados oferecendo-lhe atraente e eficaz meio de transmissão do Conhecimento.



Figuras da Académica

## Jerónimo Reis

Muito fácil, na verdade, de traçar este perfil famoso, pois, como todos sabemos, o Jerónimo é sempre igual visto de qualquer ângulo! E, se é impressionante o seu equilíbrio físico, é também de admirável harmonia o seu equilíbrio espiritual!

Coração de ouro, puríssimo, dedicado, leal, franco, não conhecemos outro melhor.

O Jerónimo é, em todas as circunstâncias, o mesmo amigo de sempre. Naquela alma lavada não há rancores, nem ódios, nem ambições. Prefere o seu mal ao mal dos amigos. E nunca, que eu saiba, alguém lhe pediu em vão o que quer que seja.

Desportista da mais fina água, só se excita com as incorrecções ou deslealdades dos outros. E então, sabemo-lo todos, castiga-se á si próprio, numa demonstração evidente de quanto lhe é penoso ofender um adversário. E quantos, conhecendo-lhe o «fraco», abusam lamentavelmente da situação!

O Jerónimo da Académica de Espinho tem sido tudo para a colectividade, sacrificando-se-lhe inteiramente, não com sacrifícios nas pugnas desportivas (pois Jerónimo pratica o desporto porque isso lhe dá prazer e para ser útil à Académica) mas com outros sacrifícios por vezes bem penosos e tão rapidamente esquecidos!

Jerónimo pertence a um reduzido número de indivíduos que ama a Académica em todos as circunstâncias e por todos os modos. Assim é que, nos momentos mais difíceis da colectividade, o Jerónimo está sempre presente, lutando, distinguindo-se. Ele prefere-se sem penachos — e com quanta propriedade poderia usá-los!

É evidente que, como toda a gente, gosta de ganhar uma competição desportiva. Mas, se perde, ninguém o faz mais dignamente do que ele. As felicitações que apresenta ao adversário são sentidas profundamente porque Jerónimo é, acima de tudo, um rapaz com um inegalável espírito desportivo e de uma honestidade rara!

Pediram-me para fazer este perfil. Aceitei com o maior prazer. E se não me incumbo da tarefa com o brilho que o visado exigia, faço-o, porém, como grande amigo e admirador que sou, sem subserviências que não uso, da figura mais característica, mais popular da Associação Académica de Espinho!

A. O.

## AOS ASSINANTES

Para dar início à útil e vantajosa medida de se conhecer e movimento e vilegiaturas dos nossos estimados assinantes, solicitamos aos mesmos nos forneçam os elementos necessários para a respectiva publicação.



# NATAÇÃO

(Carta a um velho amigo)

Meu caro:

Com este, mais um ano se passa sem que tenhas aprendido a nadar. Tu, e os teus!

Não sei se já pensastes na responsabilidade que esse facto representa, pois não compreendemos esse receio, essa vergonha de apresentar o «físico» às «vistas» públicas... Me parece, e tu acreditarás, que muito mais vergonha é não saber nadar!...

Sei que os teus desejam vivamente aprender, mas tu, fossilizado amigo, ainda não compreendeste a vantagem do pedido pois a uns adelgaça a linha, poupando nos elásticos cintos e a outros alarga a linha deixando o parentesco minhocal — sem ofensa! — onde o alfaiate se vê atrapalhado para chumaciar as faltas naturais... Mas vais defendendo a posição e o erro com a tal vergonha e assim, um dia, que pedimos nunca venha, só tem este recurso: apertar as mãos na cabeça e bater com os pés no chão para subir à superfície...

Para que isto se não dê, aí tens como aprender o «bruços» e verás como tudo é muito fácil. É o recorte dum velho jornal que aproveitamos numa lição muito bem dada:

«O estilo de bruços, não obrigando a grandes esforços, devido à naturalidade com que é executada a técnica dos seus movimentos, pode aprender-se facilmente, bastando para isso seguir as indicações que vamos dar. Claro que estas simples indicações não bastam. Considerámo-los, no entanto, indispensáveis para todos aqueles que pretendem aprender a nadar.

Para maior facilidade de execução, dividimos este estilo em quatro tempos. Na posição inicial, o corpo do praticante deve estar em completa extensão; braços e pernas unidas, palmas das mãos voltadas para baixo e pés bem estendidos.

1.º tempo: — Abrem-se os braços para os lados até quasi à altura dos ombros e com as palmas das mãos voltadas para fora, as pernas juntas e estendidas.

2.º tempo: — Flexão simultânea de braços e pernas, cotovelos roçando o tronco, mãos unidas por debaixo do queixo, pernas com os joelhos para fora e calcandares unidos.

3.º tempo: — Os braços são lançados suavemente para a frente com as palmas das mãos voltadas para baixo, enquanto as pernas se escondem para os lados.

4.º tempo: — Os braços conservam-se estendidos à frente com as mãos unidas e com a palma voltada para baixo, enquanto as pernas se unem com energia.

Por último a respiração, que neste estilo não oferece grandes dificuldades: A inspiração faz-se pela boca quando se abrem os braços para os lados, expirando-se pelo nariz e pela boca, logo que estes são lançados para a frente.

É de aconselhar a prática deste estilo, porque, a par de uma evidente flexibilidade muscular, oferece uma excelente respiração.»

Como vês, tudo muito simples! Nunca te esqueças de recomendar cuidado com a distância das refeições, evitando as possíveis congestões que são quasi sempre mortais, e bem assim que a aprendizagem seja feita em lugar que não ofereça perigo, enquanto não sabem nadar, — e mesmo quando souberem! — e sempre na companhia de pessoa que mereça a devida confiança em caso de emergência, isto, claro, nos primeiros dias de prática na água.

Acredita, meu velho, que aprendendo e ensinando os teus terás cumprido um verdadeiro dever de humanidade, pois quasi se não acre-



## ENTRADA EM CAMPO

# ESPINHO E O VOLEIBOL

Espinho, foi, embora muitos o ignorem e outros o queiram ignorar, o precursor do Voleibol no Norte de Portugal e por isso mesmo adjudica a si grande responsabilidade quanto a este espectacular desporto, onde a beleza impera em jogadas cheias de dinamismo e vigor atlético.

Foi a Associação Académica de Espinho quem principiou a fomentar junto de diversos clubes portuenses, a criação da Associação Regional o que conseguiu em 1940, fornecendo-lhe inclusivamente o seu primeiro Presidente da Direcção naquele mesmo ano.

Iniciando a prática na praia, durante o período de férias de verão, os rapazes da nossa terra não mais abandonaram o voleibol, quer levando a efeito torneios como o memorável «Torneio da Costa Verde» entre praias e que com todo o mérito venceram, quer nos Campeonatos Regionais onde não mais deixaram de figurar com supremacia sobre a maioria dos clubes inscritos. O Sporting Clube de Espinho onde este desporto tem sido acarinhado e encarado com mais seriedade por parte de alguns bons desportistas espinhenses de todos conhecidos, têm dedicado o seu melhor esforço e trabalho. Na Associação Académica, onde há de facto, mais dificuldades na prática desta modalidade desportiva em virtude de exames, de período de férias, de alguns dos seus praticantes se dedicarem também a outros desportos e inclusivamente de serem forçados a abandonar Espinho ingressando em cursos superiores.

Também o esforço tem sido incansável, mas a consagração máxima desta modalidade para nós, espinhenses, foi conquistada nesta época pela mais importante colectividade da nossa terra, o Sporting Clube de Espinho, rico de tradições e trofeus, conseguindo a Segunda Classificação no Campeonato de Portugal da I Divisão realizado na nossa linda praia e incorporado no programa das Festas Cinquentenárias da Criação do Concelho com a presença do que melhor há no voleibol português. Por sua vez também a Associação Académica marcou posição de destaque conquistando a 1.ª Classificação no Campeonato Regional e uma 3.ª posição no Campeonato Máximo para a II Divisão lutando sempre com entusiasmo apesar de não ter conseguido deslocar a Lisboa, onde se realizou esta prova a sua melhor representação.

A uns e a outros que tão bem souberam lourear a sua terra, que também é a nossa, patenteamos o nosso sincero aplauso expressando-lhes as nossas mais cordeais saudações académicas, fazendo votos para que na próxima época consigam glorificar ainda mais a nossa terra natal que tanto nos orgulha.

Anibal Lacerda

## Hoquei em Campo

Integrado nas Comemorações do 50.º Aniversário do nosso Concelho, e em disputa da Taça «Cinquentenário», realizou-se no passado domingo, dia 28, pelas 10,45 horas, um jogo de hoquei em campo.

Para esse jogo, e dadas as boas relações existentes com o Boavista F. C. foi este clube o convidado.

Aproveitando a iniciativa da confraternização hoquistas resolveram as duas colectividades prestar singela mas significativa homenagem a Mário Dias que no «Comércio do Porto» tem sido afinal o baluarte da propaganda desta infeliz modalidade.

Venceu o clube visitante pela vantagem mínima de 2 a 1, com golos marcados por J. Varela do Boavista e Fernando Costa pela Académica.

O empate seria justo porquanto perten-

cia que, a troco de tão pouco trabalho, se sujeitem a morte tão horrível...

Com um grande abraço vos desejo o melhor aproveitamento no «bruços» e a maior economia nos batons, nos elásticos e nos chumachos, o vosso amigo de sempre.

F. de T.

# TÊNIS

Acompanhando as festas do «Cinquentenário do Concelho», apesar das dificuldades de vária ordem que diariamente surgiam, a Associação Académica meteu ombros à empresa de levar a efeito dois torneios nos courts entregues à Mocidade Portuguesa (?).

Havendo-se aguardado impacientemente instalações do balneário sito no Parque João de Deus, designaram-se os dias 27 e 28 de Agosto para o torneio de singulares-homens da Taça Cinquentenário.

O Campeonato Nacional de voley-ball trouxe ajuda valiosa, pois então se instalaram as canalizações e chuveiros, sem que o Pavilhão era apenas elemento decorativo a paisagem.

A Federação Portuense de Lawn Ténis tinha, porém, aquelas datas preenchidas, o que obrigou à transferência das provas para Setembro.

Entretanto, um torneio local veio manter o «fogo sagrado», estabelecendo-se, como incentivo, o seu desdobramento em «fortes» e «fracos». Nele, e mercê da inclusão de cinco ou seis «banhistas», o número das inscrições elevou-se a 24, tendo as provas decorrido com entusiasmo, à falta de boa técnica.

Na mão inicial, Joaquim Moreira da Costa Júnior sustentou duas partidas animadas com o Engenheiro José Goday, decaído na terceira por falta de confiança nas suas próprias possibilidades.

A meia-final dos «fortes» ofereceu-nos o duelo Alberto Vita-Dr. Mário de Almeida, em que aquele concedeu a vitória a este por manifesto cansaço físico, quando na terceira partida já se previa resultado oposto.

Terminou o torneio com as finais Dr. Mário de Almeida-António Santos, em «fortes», e Joaquim Moreira J.º-Alberto Barbosa, em «fracos», sendo os primeiros, respectivamente, vencedores.

No panorama geral do ténis em Espinho, há dois detalhes a frisar: reduzida actividade, em virtude de tudo haver chegado tarde; e não obstante certo progresso da modalidade, que deve ser registado.

Em síntese: pode-se dizer que o ténis espinhense está a balbuciar as primeiras palavras.

Dado, porém, o que está feito, bem como o que está projectado para Setembro, não nos parece demasiado optimismo prevêr, para o ano próximo, farta concorrência ao Torneio Cinquentenário (pois é uma prova Challenge — dois anos consecutivos ou três alternados;) e, em futuro pouco afastado, a realização «habitual» de torneios regulares, em caminho franco para Campeonatos Nacionais.

Este desideratum parece não ser compreendido. Poucos lobrigam o seu alcance turístico e desportivo. Das dificuldades que nos assaltam permanentemente: falta de água nos courts, desinteresse do público, carência de numerário, etc., etc.

Já não nos queixamos da falta de jogadores. Considerando a natureza «flutuante» da população juvenil de Espinho, sabemos que há-de sentir-se sempre a sua ausência.

Não é isso todavia, impedimento absoluto à criação dum centro tenístico em Espinho. Não nos consta que a Curia e Luso tenham ténistas locais, e no entanto são dois importantes núcleos de ténis nacional.

É de acentuar o interesse que as respectivas organizações imprimem aos torneios e campeonatos: publicidade a rodos, facilidades convidativas aos praticantes, prémios aliciantes, relatos jornalísticos em copiosos permanentes... ou seja o que aqui falece.

Prova tudo isto a projecção turística da modalidade... com menores encargos do que, por exemplo, um concurso hípico.

Mas cremos ainda que o bom caminho será trilhado. Por tudo, está de parabens a Associação Académica de Espinho.

Brevemente efectuar-se-á o «Grande Torneio de Ténis de Espinho» integrado nas festas do Concelho no qual serão disputadas as taças «Cinquentenário do Concelho» para singulares e pares-homens. Já foram dirigidos convites a todos os clubes nortelhos que possuem esta modalidade esperando grande afluência de tenistas. Esta prova é realizada com a autorização da Federação Portuguesa de Ténis.

Constante Pereira

## A EXPANSÃO DE «RUMO»

Para permutar, recebemos os 4 últimos números de «A HUILA», que se publica em Moçâmedes, o que faremos com o maior prazer. Para idêntico fim recebemos pedido de «EDICÕES ANTINEA», de Lisboa, a que igualmente aedemos jubilosamente.

F. Costa



## Saber fingir

Há indivíduos que vivem fingindo. A sua vida não passa de hipóteses, é irreal tudo o que se lhes atribue. Mas esses indivíduos devem sentir-se esmagados pelo peso do nada, que é tudo quanto possuem.

A sua inferioridade perante os outros torna-se notada. Dum momento para outro tudo se desfaz, a sua confiança abala o seu mundo hipotético, e, então, reconhecem o mal do tempo que perderam a fingir o que podiam ter alcançado a lutar.

Mas, alguns há com um tão arreigado hábito de fingir que fingem para si mesmos, sem disso se aperceberem.

Sejamos realistas nos conceitos que de nós mesmo fazemos ou deixemos aos outros esse papel.

Porém, mantenhamos sempre a rectidão da consciência, evitando que na mesma tudo se sobresalte como ondas em mar revôlto.

Hernâni



## Verdades

As ilusões são como os sonhos e os sonhos acabam ao outro dia.

\*

A indiferença é um estado da alma, logo um sentimento. E talvez, o único sentimento pelo qual se pode ser tão útil aos outros como a nós mesmo.

\*

A melhor maneira de conhecermos os outros é estudá-los por nós, estudando-nos a nós por eles.

Por melhor que seja, um carácter contém sempre o que de menos mutável se reveste a alma humana.

As conclusões a que chegarmos após aquele estudo, permitir-nos-ão reconhecer muitos defeitos e virtudes, podendo, então, modelar o nosso carácter, aperfeiçoando-o, criando e vincando uma melhor personalidade.

\*

O ódio aos outros é desespero em nós. Para que desesperarmos odiando?

Hernâni

«RUMO» está á venda no Porto, na

LIVRARIA PORTUGÁLIA

Rua de Santo António, 210

## A Comarca de Espinho

Aspiração que há muitos anos domina o espírito dos espinhenses e que nem sempre foi acarinhada devidamente pelas entidades responsáveis do nosso concelho, a criação da comarca de Espinho é hoje um dos problemas que se situam na primeira linha das suas necessidades, por ser das que mais carecem de solução rápida, para salvaguarda dos interesses desta região e do País, que insistentemente afirma os seus propósitos de vida progressiva. Justo é, pois, que se lhe faça referência.

Um apanhado que se extraísse do movimento de processos derivados, em cada ano, de interesses localizados na área do nosso concelho e o seu confronto com o total de casos apresentados, em cada ano também, à apreciação do tribunal da comarca a que pertencemos, seria índice suficientemente esclarecedor de que o desejo de ver criada uma comarca em Espinho não é mero capricho de quem o manifesta.

Nem tive tempo para proceder a esta indagação, nem a considero aqui indispensável. Terá o seu lugar, sim, em trabalho profundo que alguém venha a fazer sobre o assunto; e, sem dúvida, os seus resultados não têm escapado à observação das entidades que superiormente dirigem, no País, as coisas da Justiça.

Solicitado para abordar este tema, não regeitei o convite, pelo muito carinho que me merecem todos os problemas relacionados com a terra onde nasci e vivo e porque furtar-me a colaborar com o «Rumo», seria cair no mesmo erro que aponto a muitos.

Mas, porque os afazeres me deixam pouco tempo livre e porque a habilidade para o jornalismo é absolutamente nula — eu bem o reconheço — tive necessidade de conciliar os meus desejos com as limitadíssimas possibilidades de que disponho, limitando-me a projectar para o papel o meu depoimento.

A organização e distribuição das comarcas pelo País, adequada, embora, ao tempo em que foi feita, não serve, no momento que passa, as necessidades de muitos núcleos populacionais, para os quais a Justiça é coisa cara e muito distante...

O progresso, quando começa a verificar-se, como em Espinho, por virtude de factores geográficos, essencialmente, carece de ser amparado, com pronto fornecimento dos meios necessários à sua manutenção e desenvolvimento.

No Campo do Direito, assim como as regras de direito substantivo vão acompanhando a evolução dos povos, para que eles se não isolem delas, também os meios que as concretizam, aplicando-as aos factos da vida real, devem seguir de perto as necessidades sociais, sob pena de lhes não darem satisfação e de tornarem

inútil a parte das normas que impõem aos homens esta ou aquela conduta.

Se os homens não podem viver sem o Direito, que constitue alicerce da sua vida social, também a vida social e o Direito — substantivo — se entravam, se não houver ao dispor dos homens um mecanismo que torne fácil a aplicação das normas que regulam as suas relações.

Há necessidade de adaptar o Direito ao progresso social; mas todo o Direito, porque há também a mesma necessidade de fornecer, aos centros populacionais mais desenvolvidos, meios de fácil utilização das protecções legais.

Criar-se hoje determinado sistema judiciário, de harmonia com as realidades presentes e metê-lo daqui a 10, 20 ou 30 anos, ainda que venha a operar-se uma tal modificação, que as mais ignoradas aldeias se vejam guindadas à categoria de cidades de tipo Novaioquino, é solução que não pode ser aceite por quem quer de bom senso, é rotina que tem de pôr-se de lado, sob pena de se «não sair da cêpa torta», como diz o nosso povo.

Que uma aldeia, vila ou cidade, por estar ligada a qualquer facto histórico, mereça a nossa simpatia e carinho, estou inteiramente de acordo. Que, por haver na nossa frente um monumento de cinco ou dez séculos de existência, se não veja a aldeia que, por detrás dele, vai assumindo foros de verdadeira cidade, é cair-se na *patriotice estulta*.

Espinho, que há 30 ou 40 anos era um humilíssimo logarejo, conhecido apenas como Praia, está hoje transformada em apreciável centro populacional, com posição de relevo na vida comercial e industrial do País. A variedade da sua indústria — poucas as cidades a igualam neste aspecto — a sua quantidade e a sua importância exigem que se olhe pela satisfação das suas necessidades, sob pena de se entrar o seu desenvolvimento crescente.

A uma vida comercial intensa corresponde uma necessidade igualmente intensa de fácil solução dos conflitos suscitados.

Ora, o comerciante espinhense, começa por saber que, para solucionar o mais banal assunto de tribunal, que lhe levaria, quando muito, dez minutos, precisa de perder um dia ou meio dia na sede da comarca; que as deslocações provocadas pela pendência de qualquer pleito, lhe implicam a perda de uns tantos dias; e que a Justiça nunca poderá ser tão pronta como razoavelmente poderia esperar, porque a comarca, extensíssima, está assoberbada com serviço.

No aspecto criminal, o ambiente é o mesmo, agravado pela

Manta de Retalhos

## FANTASIAS

I

Alguns ignoram a história daquele inglês que, perdido na selva, exclamava, olhando a bússula:

— Bem... o Norte sei para onde fica. Mas o que é que ficará para o Norte?

Na realidade, para resolução de um problema não basta saber a direcção a tomar mas interessa-nos, também, o objectivo a atingir. E esta banal verdade geralmente se esquece pois, temosamente ou por palpite, se escolhe um caminho, sem saber, infelizmente aonde nos conduz.

II

A Fêmea mantém-se, através dos tempos, um mistério indecifrável. Napoleão afirmou que poucas mulheres construíram impérios, mas que muitas os destruíram. O nariz de Cleopatra foi a morte de Marco António e a beleza de Helena a ruína de Páris. A Fêmea é a negação absoluta da lei, da oferta e da Procura, pois apesar do excesso no mercado ela é um produto que, paradoxalmente, se torna esquivo e, geralmente, se torna caro.

Apesar de o número de homens à superfície da terra ser um sexto do número de mulheres, estas conseguem, por artes de berliques e berloques, tornarem-se caça difícil e perigosa.

A Fêmea continua a ser o mistério do primeiro Homem.

III

— O meu Deus é Bernard Araut; a minha Bíblia: Pitigrilli; o meu profeta: K. Jerome. Para mim a Filosofia exprime-se em Woodhouse, a Arte em Picasso, a Ciência em Cagliostro.

Sim o Homem me faz rir no seu desejo megalómano de imitar a Deus. Cada vez mais infeliz é o homem na ânsia de progresso. Cada vez mais infeliz e no entanto ri. Ri... como ri o palhaço: com a tristeza a tomar-lhe a alma e a torturar-lhe a consciência.

Julcides Morcal

## O Pretenso Escândalo do "Non Sum Dignus"

Continuado da pág. 7

todas as mãos, que A. de F. o escreveu».

Depois destes depoimentos, julgue da Obra e dos críticos quem souber e tiver competência.

Suponho ter dito bastante para que se faça ideia, embora pálida, da Obra e dos anónimos.

Grande lição a de Antero de Figueiredo.

Nota do Autor — Escrito este artigo há cerca de um ano, por falta de imprensa, só agora apareceu nas calunas de «Rumo». Não perdeu a actualidade, pelo que concordei com a sua publicação. Veio a lume, não há muito, a quarta edição de «Non Sum Dignus». Reapareceram críticas honestas e desonestas. Querendo Deus, referir-me-ei, em novo artigo, a umas e outras.

Continua na pág. 5



**VÉNIAS E IRREVERENCIAS**  
**CARTA MULTADA**  
**ao Sr. H. V.**

Acredite que tenho estado alheio à tempestade intelectual que o meu amigo vive ou pretende viver. Tenho por si (V. bem o sabe!) uma admiração profunda. Desde pequeno que o tenho tomado como exemplar modelo das minhas atitudes morais e sociais; pois se V. é um luminar intelectual — seja-me permitido (sem ofensa à sua modéstia) vibrar a nota da sua elevada consciência moral. Eu bem sei que lhe têm sido apontado defeitos — mas, meu amigo (meu bom amigo!) quem os não possui?! quem os não tem?! Ninguém. Diz-me, há tempos, o Porfírio: «O que dá beleza ao Sol é a Sombra»; pensamento banal que encerra a verdade dos eternos contrastes. Pois só hoje soube que o meu amigo anda às turras com um grupo de pseudo-intelectuais. Do resultado da luta eu não tenho dúvidas. Eu Conheço-o bem H. V.! Você é tremendo! É pior que o Eça! Mas isso não é de admirar: Você possui um estilo feroz, irónico, cortante; e, ainda por cima, uma cultura sólida e um não menos sólido intelecto.

Disseram-me que V. é malcriado. Crêdo! É lá possível! Disso eu o defendo, pois sempre encontrei em si uma psicologia tímida que (aos menos preparados) parece, à primeira vista, feminina. V. possui um encanto de boas maneiras que subjuga os fortes e enfeitiça os fracos. Digo-lhe isto sem ironia pois a ironia seria, de certo modo, descabida. Afirma-se (com esta maldade invejosa) que V. perdeu as estribeiras e que não está em si. Não se amolhe, meu amigo: Tantas pessoas já estiveram em si e não puderam, no entanto, produzir metade do que V. produz.

V. tem progredido muito, creia-o. Tem progredido tanto como o semanário regional — oportunista em que V. escreve. Continue a escrever — com a correcção e o brilho de sempre — que eu continuarei a lê-lo. Prometo-lho, meu bom amigo. Sempre ao seu dispor

**Juicides Morcal**

P. S. — A sua opinião acerca do nosso valor intelectual (ou afins) é de respeitar. Principalmente por vir de si, que já deu provas do que vale. O que é de lamentar — e eu sou o primeiro a lamentá-lo, creia-o — é não lhe fazerem justiça. O único que lhe faz justiça é o seu Director — mas esse, infelizmente, é suspeito. Mas o meu amigo bem sabe como o Povo é ingrato e como os génios são incompreendidos. Mas quando morrer não-de fazer-lhe justiça. E' bem certo o ditado: *Anno mórtu cevada ao rabo*. Perdoe-me a comparação e a cevada; talvez fosse preferível uma espiga de milho.

Quando morrer não-de fazer-lhe justiça! Talvez V. fizesse bem se estoirasse os miolos. *Os miolos?!... Que ironia a minha...* Abraça-o carinhosamente

**Juicides Morcal**

**TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!**



...o redactor da revista *Voga*, solicitou colaboração ao director do «Rumo» e ao seu redactor Florentino Goulart...  
 ...assim se prova que não gastamos prosa de graça, apesar do caso não ter tido graça nenhuma...  
 ...neste mês de Setembro sempre saiem os números de «Rumo» referentes a Agosto e Setembro...  
 ...o novo «cristo» da secção de hoje em patins é o Arq.º Jerónimo Reis...  
 ...se todos os comerciantes fossem como o velho Lusitano Gil os encargos das organizações das Festas Comemorativas seriam bem menores...  
 ...nas próximas Ass. Gerais do Sporting vai haver bastante discussão... mas, desta vez, dentro dos cânones da mais estreita correcção...  
 ...desta feita o Gaió não será chamado à fala por causa das «diatribes» do «Rumo»...  
 ...a Administração de «Rumo» vai ser subsidiada, para que a nossa publicação passe a sair quinzenalmente...  
 ...num dos próximos números sairá uma página de «saudosismo», com a colaboração de artigos críticos locais...  
 ...entre outros, leremos escritos de Manuel Joaquim Simões Pedro, Cesar Raio, Roberto Fernandes, António Lacerda, Mário Valente, Alberto Barbosa, Carlos Moraes, Alberto Valente, etc...  
 ...as francesas que estão no Casino não aparecem cá por fora

nem à mão de Deus Padre...  
 ...na Feira Popular há uma escola de automobilismo orientada por conhecidos e competentes «técnicos»...  
 ...os tenistas de Espinho perderam a vergonha e resolveram entrar em torneios...  
 ...certo «pássaro» andou desinteressado do Voleibol da Académica... quem sabe se por ter coisas (?) mais importantes a prendê-lo...  
 ...os irmãos Walter e Waldemar acabaram por ficar no Sporting de Espinho... e ainda bem, para todos e para eles...  
 ...o Sporting sempre deve entrar no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, segundo nos informa pessoa muito «responsável»...  
 ...grandes surpresas aparecerão na 1.ª categoria do Sporting de Espinho a fazer fé em certas afirmações responsáveis...  
 ...integrado nas Festas da Vila se vai inaugurar a nova entrada triunfal e limpa para a Praia Azul, o que nos faz pensar que turismo e «lixo» para aqueles lados são sinónimos...  
 ...o tráfico de influência na Ass. Patinagem do Norte, está a cargo do Académico e do Vigorosa...  
 ...perante a inferior capacidade do sr. H. V. em travar polémica, que traduza qualquer interesse para os leitores, resolvemos remetê-lo ao país do silêncio...

**Espinho e o Jogo**

Continuado da pág. 8

Contratos, tiveram justo receio de não poderem cumprir; outros de fora, mais tarde, viriam ensinar a Espinho que não havia em assuntos de jogo respeito por contratos nem pelas Leis, porque com dinheiro ou até apenas com a «sombra» dele, tudo se consegue, desde que se saiba distribuí-lo sãbiamente, sem atingir a prodigalidade, sobretudo quando em determinadas épocas facilmente se pode avaliar do preço de certas consciências.

V — Vieram pois uns de fora ensinar muita coisa a Espinho. Levantaram-se clamores de protesto em nome duma moralidade que afinal vinha a verificar-se não existir, senão no puro sentido utilitário e muito pessoal, porque pelo visto «não comiam todos» — e o ar do mar sempre provoca certo apetite, embora pelo que então nesses afastados tempos se viu, de satisfação bem modesta — e, umas «avençasitas» a título de serviços profissionais de vária espécie, etc., iam calando os mestres de moral. E o contrato parece não ter sido cumprido afinal, porque tanta mosca caiu no açúcar, que tirou a vista às obrigações.

VI — De baldão em baldão, veio a Concessão parar afinal a mãos que há bons anos a seguram, e dela tiram seus benefícios.

Pode portanto a actual Empreza Concessionária, dada a sua larga continuidade de exercício, dar-nos a prova patente das muitas realizações a bem do Turismo Local que levou a efeito, e são essas realizações que à face da Lei e do Contrato vamos examinar detalhadamente, para poder verificar-se, se à consciência de quem é de Espinho ou por Espinho se interessa, se impõe gesto de gratidão, de censura ou de repulsa.

Não nos propomos proferir qualquer sentença. Apresentam-se os factos, analisa-se o que manda a Lei, e os de Espinho e os que por Espinho honestamente se interessam, proferirão a merecida e justa sentença.

(Continua)  
**C. C.**

sentir a gravidade do seu acto. E a pena nunca se adapta à sua personalidade.

A importância comercial e social de Espinho impõe que se crie no concelho uma comarca. O concelho é pequeno; mas há, à sua volta, freguesias dos concelhos limítrofes — *Feira, Ovar e Gaia* — que se situam relativamente perto de Espinho e cujas populações, que aqui fazem muito da sua vida comercial, veriam com satisfação a sua integração, para efeitos judiciais, na comarca que aqui tivesse a sua sede.

São tão exactas as afirmações que vêm sendo feitas, que até mesmo os que mais poderiam desejar a manutenção do actual estado de coisas aceitam a criação da comarca de Espinho como realidade futura, que o tempo resolverá definitivamente, se a boa vontade dos homens lhe não der solução.

**Amadeu Moraes**

**Verdades**

A vida é um jardim arborizado onde as fôlhas caem uma a uma no Outono para dar lugar a outras que hão-de vir com a primavera. \*

O hábito e o amor por vezes confundem-se. \*

A amizade exige sinceridade. Mas, não se pode ser sincero, sendo-se amigo. E', pois, a amizade tão irrealizável quão incompreensível. \*

Antes de julgarmos os outros, devemos julgar-nos a nós. Há defeitos tão humanos que, não podendo evitá-los em nós, não devemos acusá-los nos outros.

**Hernâni**

**A Comarca de Espinho**

Continuado da pág. 4

natureza particular dos interesses em conflito.

O desenvolvimento social provoca, neste campo, um maior número de ofensas ao direito. E Espinho sabe quantos delinquentes ficam sem o merecido castigo, só porque, feitos os cálculos, pelas pessoas directamente ofendidas, estas preferem manter sem reparação o seu interesse violado, a terem de dispender mais algumas dezenas ou centenas de escudos, em deslocações à sede da comarca.

A conclusão está à vista e, é muito lamentável, sob o ponto de vista social: o delinquente primário que escapa pela primeira vez, sem qualquer sanção, cai de novo no crime e tomba nele mais e mais vezes, até à 1.ª punição. Mas, nesta altura, é já muito difícil, se não impossível, fazer-lhe

Propriedade da: **A. Académica de Espinho (Secção Cultural)**

Redacção e Administração: **Rua 11-104-ESPINHO**

**RUMO**

BOLETIM DA ASS. ACADÉMICA DE ESPINHO

Editor: **ARQ.º JERÓNIMO REIS**

Administrador: **F. DE PINA CABRAL**

DIRECTOR: **Higino Augusto Pires**

Redactores: **GOULART NOGUEIRA ANIBAL LACERDA**



# SOLERIS

...é um store



## Agrupamento Comercial e Industrial, L.ª

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL  
EM CHAPA

Vidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

## DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Merceria —  
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

### Merceria Porto **ESPINHO**

Rua doadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

Rua Dezanove - Telef. 16

### SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 — ESPINHO

Armazenistas de MERCERIA \* DOITES \* CEREBIS \* ETC.

## Cadinha & Couto

RUA DEZOITO • TELEFONE 52 • ESPINHO

### CASA SOUSA PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria—La Toja—Jogos, Novidades

### CARPINTARIAS

Límpios para todos os tipos de construções, armações para estabelecimentos e taces para parqué, etc.

### MARCENARIAS

Mobiliário em todos os estilos em madeiras nacionais e estrangeiras, etc. - Melhores preços - Novas instalações

## Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria

DE

**José Augusto da Silva Quintas**

TELEFONE N.º 59

RUAS 18 E 39

APARTADO 48

**ESPINHO**

## PADARIA PROGRESSO

DE

**Manuel Maria Valente**

**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**

Fabrico esmerado de todas as qualidades de pão

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE**

## PADARIA MECANICA

### A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiênico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da «Padaria Pérola»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

**FARINHAS, CEREJIS E MERCEARIAS**  
— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.ª  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefone, 31  
gramas: FARINHAS  
APARTADO, 3

Rua 62-ESPINHO

## PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

ESPINHO

Execução rápida e perfeita em todos os trabalhos tipográficos - TRICROMIAS

## TIPOGRAFIA PROGRESSO

RUAS 11 E 20 • ESPINHO





# O PRETENSO ESCÂNDALO do

## “NON SUM DIGNUS”

Até aqui não me embrenhei nas minudências reles dos torvos críticos.

Não atentei em verificar se este personagem da obra é o Padre A.; se aquele é o Bispo B.; se aqueloutro é o Reitor C. Estes pormenores são totalmente des-cabidos na apreciação do valor intrínseco da Obra, o qual, de maneira alguma deve estar à mercê de tais brincadeiras, que mais parecem crianças que andassem a jogar às carapuças, tentando averiguar qual delas melhor se adaptaria à respectiva cabeça.

E, agora, concretamente, que dizem alguns dos tais críticos farizaicos?

Um inicia as suas diatribes pelo título que encabeça o palavrado: «Non Sum Dignus—um livro pouco digno».

Pouco digno porquê, sr. anónimo C. M.?

Em que ponto é irreverente, tacanha e tendenciosa a fieira do autor? Porque razão são ridículos e caluniosos os retratos dos prefeitos e de outras figuras? E de se ter dó desta anónima creatura! Então para se compreender o drama psicológico (trata-se de um romance) de uma alma invulgar como a de Gabriel Alvin seria necessário um seminário dirigido por um *lirico*?

Cite, anónimo sr., as frases, ou passagens do livro, das quais se infira, velada ou claramente que certas personagens falam e tomam atitudes menos delicadas perante o Prelado.

A série dos seus dislates é grande e está em flagrante desacôrdo com a opinião autorizadíssima do douto e não anónimo crítico da justamente conceituada revista *Broteria*.

E passemos adiante... « não é livro para todas as mãos » .. escreveu o sr. P.º A. Veloso.

Vem depois outro que dá pelos iniciais P. F. Este diz: « De que trata o livro? »

De pôr a nu o ensino que se ministra nos Seminários aos futuros padres, e das dúvidas de um presbítero ante a responsabilidade da sua vocação».

Miséria, sr. P. F., muita pobreza! Vê-se bem, também não compreendeu...;

«Não é livro para todas as mãos».

Este crítico é o das carapuças, coitado, parece que a sua devia estar tão enterrada que lhe não permitiu ver um milímetro na frente dos olhos!

Nada descortinou de sublime e belo; tudo viu por prisma vesgo e desleal.

Depois de disparates só comparáveis aos do crítico de «A Voz», termina as suas várias notas sobre o livro com este período que o define para todo o sempre:

«Seja como seja, a minha opinião é esta: um péssimo livro

sob todos os pontos de vista, nem sequer se salvando pela beleza da linguagem, e menos ainda pelos rigores do contexto».

A tudo isto, incomparavelmente melhor do que eu e com outra autoridade responde à serena crítica do P.º A. Veloso, S. J.

Também deparamos com o anónimo das «Novidades». Medíocre, não compreendeu totalmente.

Vimos ainda a feita pelo Ex.º Conde de Auroia, no *Diário do Minho*.

Tece, é certo, alguns elogios, que reputo verdadeiros, a A. de F., mas seguem-se tantas minudências ninhentas, que tal crítica redundava em aborrecimento, pro-

voca tédio. Dá-nos a impressão de não aprender, no todo, a beleza espiritual e construtiva da Obra.

Observamos igualmente o arrazoado de «A Voz», que não é a mesma dos saudosos tempos do Cons. Fernando de Sousa. O anónimo autor da local afigura-se-nos impenitente «alma de capicua». Unicamente tinha sido justo se tivesse escrito de si o que disse Antero de Figueiredo. Afirmar deste livro que: «é inferior—e não é digno», parece-me ousadia despropositada.

Contradiz o douto crítico da *Broteria*, sabe-se lá se por motivos que, no dizer de Antero de Figueiredo, o levaram «a olhar

de banda, a olhar de canto»...

Enganou-se o pseudo-comentarista de «A Voz».

Não foram muitos os que aplaudiram a obra, foram poucos, muito poucos até, pelo que de fonte autorizada me informaram.

A maioria (sempre as inferiores maiorias), a maioria está do seu lado, fez côro com o respeitável e talvez venerável crítico. Que lhe aproveite; Deus os fez, Deus os juntou.

Do que os anónimos críticos pretenderam dizer, nada se aproveita.

Crítica do meu conhecimento, só uma veio a público, séria, honestíssima e leal. A crítica do Senhor Padre A. Veloso, S. J.

Só ele viu bem o problema, dando o exemplo de não tentar diminuir o trabalho de A. de F., a pretexto de meia dúzia de ninharias como o fez o crítico cuja máscara houveram por bem estampar nas páginas mal impressas do *Diário do Minho*.

O sr. P.º Veloso escreveu ao principiar a sua crítica:

«Romance, cujo tema não transcenda o embate dos valores fisiológicos ou o choque de interesses confinados no transitório, é, no plano das possibilidades dramáticas, romance humanamente diminuído. Esta verdade, geralmente ignorada—ou temida?—pela maior parte dos nossos actuais novelistas, viu-a de frente Antero de Figueiredo».

E, a terminar, o mesmo Crítico, depois de fazer a apreciação correcta das deficiências que entendeu ter encontrado no Livro, comenta: «Isto, porém, são pormenores insignificantes, que em nada invalidam o que dissemos, quer da grandeza do tema, quer da arte com que o A. soube levar até ao fim».

Apesar de tudo, *Non sum Dignus* é um romance católico, quer dizer: o drama que nele se debate só é possível num plano axiológico de princípios e de valores católicos. Quanto à intensão do A. não hesitamos em classificá-la como sinceramente construtiva. O modo como se realiza é que, aqui e além, nem sempre condiz com essa intenção. Assim, é preciso sabê-lo ler. Pessoas com sólida formação poderão facilmente descobrir a tese construtiva do livro, mas é evidente que quem não possuir essa formação terá dificuldade em elevar-se à verdadeira interpretação do romance. O que equivale a dizer que não é livro para todas as mãos. Nem foi certamente, para

### As Mães

Mãe!... Só de balbuciar esta palavra santa  
A alma curva o joelho, e reza, e chora, e canta,  
Como se à nossa bôca aflorasse a ambrosia,  
E um hymno triumphal, de excelsa melodia,  
Nos andasse a embalar o coração no peito!

Desde a ansia irrealizada ao sonho mais perfeito,  
Desde a obra dum artista a um brinquedo de creança,  
Desde um ramo de oliveira ao ferro duma lança,  
Deslumbradoramente, harmoniosamente,  
Palpita e resplandece em tudo o amôr de Mãe!

Da estrela que guiou os Reis do Oriente  
Por terras da Judeia ao presépio de Belém,  
Ficou no vosso peito—oh mães consoladoras!  
O brilho imaculado a guiar-nos na existencia,  
Como ficam dum echo as vibrações sonoras,  
Como fica dum beijo a delicada essencia!  
Elmo que desvia o golpe duma adaga,  
Balsamo que atenua o fôgo duma chaga  
E fôgo que reacende extintas labarêdas,  
O affecto que nos dais, macio como as sêdas,  
Não tem rival no mundo. Isento de Materia,  
Ele atravessa a vida, e é sempre uma doçura,  
Quer seja entre o clamôr sinistro da Miséria  
Quer seja entre o sorriso alegre da Ventura!

Oh Mães de Portugal, gloriosas Mães que a lenda  
Reveste de luar e cobre de magia!...  
Para vós, que arrancaes do encanto duma renda  
A força espiritual que nos levanta e guia;  
Para vós, que entornais na terra os claros brilhos  
Da luz do sol de Deus, num mystico clarão,  
E que trazeis, no vosso, o coração dos filhos,  
Teci esta obra humilde e rézo esta oração!

(Prólogo da peça inédita em um acto \*VOLUPIA VERDE\*)

Carlos de Moraes

Continua na pág. 4



## UMA CORRIDA

O cartaz da corrida de touros efectuada no dia 31 de Julho passado na Póvoa de Varzim, era composto além dos dois já habituais cavaleiros — desta vez, José Casimiro e Rosa Rodrigues — por um dúo de matadores de primeira categoria, todos com touros duma das melhores ganaderias nacionais (Cláudio de Moura).

Prezado leitor: Ir à Póvoa de Varzim assistir a uma tourada, fica — é certo — um bocadinho caro! Todavia o público e sobretudo o aficionado vai lá, custe o que custar. As boas casas sucedem-se, e se nem sempre o resultado artístico é bom, ninguém ouviu dichotes dirigidos à organização nem insinuações acintosas objectivamente endereçadas ao espírito ganancioso e indecoroso de quem elabora as funções, como tão habituados estamos a presenciar na praça da nossa terra... Não conhecemos nem de perto nem de longe o sr. Rodrigues Trindade, empresário dos redondeis da Póvoa, Viana e Guimarães, e precisamente porque imaginamos que não lê o «Rumo» aqui deixamos expressa a nossa opinião quanto às suas organizações: a aficção nortenha fica devendo a esse senhor a possibilidade de apreciar enfim espectáculos taurinos equilibrados e honestíssimos, em que os melhores artistas se sucederam defrontando-se sempre com animais de reputadas divisas.

Pois, pois... é assim mesmol. Quando há aficção, honestidade

e sobretudo conhecimentos do assunto, têm-se sempre público — bom e generoso como é o do Norte — e todos os espectáculos são bem correspondidos pela parte que a esse mesmo público diz respeito. Por isso mesmo, daqui nos apressamos a dar os parabéns ao senhor Trindade e pela parte que nos toca como aficionados, um obrigado sincero!

Que nos desculpem os leitores este preâmbulo, que todavia julgamos necessário para que se confrontem maneiras diferentes de «ser» e de «proceder». Assim, passamos seguidamente à apreciação do trabalho dos diversos

dos melhores matadores espanhóis de actualidade: Paquito Muñoz. Era enorme o interesse do público em apreciar o seu trabalho e desde já diremos que correspondeu inteiramente à expectativa. No seu primeiro lanceu suavemente à «Verónica» carregando a sorte e templando muito. Precisamente neste novillo, os peões do matador realizaram um formidável 2.º tércio, bandarilhando trazeira e rãpidamente como preceituam os «cânones». Quando toureava de muleta foi atingido por uma bandarilha na face que o molestou bastante a ponto de abreviar e



elementos intervenientes nesta corrida: José Casimiro esteve bastante infeliz e precipitado. Muito querido pelo nosso público, esquece a maior parte das vezes as normas mais elementares que regem a arte a que se dedicou, buscando o êxito fácil — e por isso mesmo pouco apreciável — à custa de processos temerários e teatrais de valor artístico negativo. O seu colega Rosa Rodrigues, bastante mais infeliz no lote que lhe tocou e tendo escutado menos aplausos, lidou muito bem os seus inimigos, procurando-os em todos os terrenos e realizando preparações estupendas sòmente prejudicadas pela má colocação da ferragem.

O primeiro espada era um

rematar imediatamente a faena. Contudo, no seu último inimigo, que era tardo no capote mas que cresceu enormemente com o castigo das bandarilhas (ai, as varas!!) prodigalizou-nos um último tércio magistral com passes de todas as marcas, desde as tandas de naturais até às manolinas, passando pelos molinetes, ajudados e de peito. Para finalizar simulou a sorte de matar de maneira admirável, marcando perfeitamente o sítio da estocada — que deveria ser aliaz o justo remate para tão excelente labor toureiro.

Jesús Cordoba foi o seu companheiro nesta tarde: teve momentos de grande maestro sobretudo no quarto da tarde. No

## NA PÓVOA

último, Cordoba possivelmente equivocou-se, pois procurou tourear-lo pela esquerda — lado pelo qual o novillo se vencera um pouco — e pareceu não estar muito habituado a lidar gado com muita casta e duro de remos! As vezes mexicanas são bastante mais pastueñas, não Cordoba? Mas como acima já referimos, mostrou-se inteirado, conhecedor e sobretudo, muito fino e pinturreiro. Resumindo: magnífica tarde para o toureiro a pé, o sério, o verdadeiro... O curro que o sr. Cláudio de Moura enviou, demonstrou uma vez mais, que sem o uso das varas não é possível classificar honestamente um animal de bravo ou de manso... Tardos na arrancada e como que distraídos de início, quando castigados cresceram sempre cada vez mais, deixando-se tourear sem dificuldades, demonstrando casta e nobreza.

Enfim, foi um curro que se não deu tudo o que dele se esperava, também não defraudou, levantando mais uma vez, o problema da necessidade das varas numa corrida de touros.

Os forcados amadores de Santarém não estiveram desta vez tão felizes como em ocasiões anteriores. E' de anotar, por justiça, a formidável pega de cernelha feita por um dos seus elementos, sem qualquer ajuda do respectivo rabejador. Só visto...

Direcção acertada e oportuna.

Paquito

I — Não sou «habitué» de Casinos, e tenho mesmo certa repulsa pelos jogadores.

Mas sempre fui daqueles que pensaram que o jogo, embora vício condenável, desempenhava em Espinho importante papel no seu desenvolvimento turístico.

Esta ideia formou-se através do decorrer de dezenas de anos, em que as Empresas que em Espinho exploravam o jogo, mantinham e pagavam o maior número de distrações possível, no sentido de atraírem à praia o máximo de forasteiros.

E Espinho foi terra de apreciáveis atracções, em tempos que já lá vão, em que o forasteiro chegado a Espinho encontrava festa e alegria permanentes, que a emulação das Empresas proporcionava.

Concertos de tarde e à noite em vários cafés, cada qual com o seu público e preferências próprias, puderam fazer com que os de Espinho e os que para cá vinham, apreciassem excelentes artistas, já de fama mundial uns, e outros que por aqui deram os seus primeiros passos de sua carreira triunfal, e se originasse a formação de «tertúlias» cultas, que através de trocas de impressões formavam em certos casos verdadeiras equipas de crítica artística, e provocando estreitamento de relações, não nos fazem admirar de a certa altura, aparecer a pessoa do falecido Dr. Manuel Laranjeira, transforma-

## Espinho e o Jogo

do em centro de atracção a carrear para Espinho os melhores elementos cultos da Península. Poucos decerto repararam que na troca de impressões acerca da boa música, muitas afinidades de espírito se descobrem, muitas relações se criam, e muitas amizades se cimentam.

II — Falou-se durante largos anos em necessidade de regulamentação.

Essa necessidade porém baseava-se mais em factores de ordem moral, no sentido de poder evitar-se a ruína de muita casa e a da consequente quebra de muita dignidade, em desconhecer-se ser o vício impossível de reprimir eficazmente; e portanto havia por outro lado que tirar o melhor partido possível duma fatalidade inevitável.

Assim a regulamentação tornava-se absolutamente necessária, nestes dois sentidos: Primeiro, regulamentar severamente a admissão de jogadores; segundo, uma vez que era impossível reprimir o jogo, transformá-lo em poderoso e valioso auxiliar do desenvolvimento turístico das terras eleitas para «zonas de jogo».

III — A seguir à Revolução do 28 de Maio, veio a falada e dese-

jada Regulamentação; e como seria limitado o número de zonas, houve em Espinho quem trabalhasse por amor à terra, para que Espinho fosse zona de jogo. Faltando o jogo faltaria a animação nos cafés, os concertos de boa música à disposição do público, os inúmeros atractivos que tornavam Espinho terra apetecida para veraneio, e até as centenas de contos que as últimas Câmaras de antes do 28 de Maio tinham determinado que o jogo pagasse, e boa conta faziam nas precárias finanças municipais.

E assim, indivíduos hoje esquecidos, e outros até combatidos, mas que mostraram sempre a sua maior dedicação pelo desenvolvimento de Espinho como o Dr. José Salvador e outros, trabalharam e conseguiram, com a ajuda de elementos do Governo de então, a zona de jogo para Espinho.

Estava ganha pois a partida, o que ia garantir a Espinho a continuação da sua posição de apetecido ponto de veraneio, mas cometeu-se então gravíssimo erro, filho decerto das invejas mesquinhas que atravez dos tempos sempre muito prejudicaram Espinho, obrigando quem queria trabalhar a sério, a colossais per-

das de energia na solução de miseráveis e insólitas picuinhas locais: não se levou o Município a chamar a si a Concessão, para depois a arrendar à Empresa que melhores e mais sérias garantias desse quanto aos interesses do Estado a proteger, e quanto aos interesses do Município e da terra no sentido de desenvolvimento turístico, uma vez que centralizada a Indústria em uma só empresa, melhor se poderia estabelecer um plano de realizações a levar a cabo, e pagas pela própria Empresa sem concorrentes.

IV — Não se tratou de conseguir para o Município a Concessão a exemplo do que fez a Póvoa de Varzim, onde o bairrismo local serve de lição a seguir por muitas terras, porque ali se vêm todos irmanados numa política só e única: são todos Poveiros simplesmente, desde o meu velho Amigo e Etnologista Distinto que é o Santos Graça, antigo deputado Democrático, até ao mais esturrado reaccionário. Poveiros apenas.

Não se conseguiu a Concessão para o Município, e também não foi possível formar-se em Espinho, Empresa que a tomasse. Mas estes ao menos, honra lhes seja feita, os que podiam e estariam aptos a serem os Concessionários, espíritos honestos, ao verem os encargos da Concessão, e amigos de respeitar a Lei e os

Continua na pág. 9